



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE ARTES E DESIGN

LETÍCIA GUZZO FERRAZ

ATÉ QUE A ARTE NOS AMPARE

**Um estudo sobre o potencial artístico e turístico do Cemitério Municipal Nossa
Senhora Aparecida em Juiz de Fora.**

JUIZ DE FORA- MG

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

**ATÉ QUE A ARTE NOS AMPARE: UM ESTUDO SOBRE O POTENCIAL ARTÍSTICO E
TURÍSTICO DO CEMITÉRIO MUNICIPAL NOSSA SENHORA APARECIDA EM JUIZ
DE FORA**

LETÍCIA GUZZO FERRAZ

JUIZ DE FORA

2026

LETÍCIA GUZZO FERRAZ

Até que a arte nos ampare: Um estudo sobre o potencial artístico e turístico do
Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida em Juiz de Fora

Trabalho de Conclusão do curso de Artes Visuais da Universidade
Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora-MG como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Sandra Minae Sato

JUIZ DE FORA- MG

2026

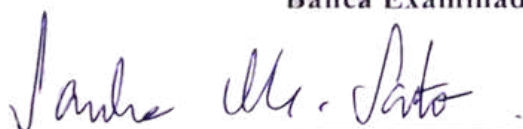
Letícia Guzzo Ferraz

Até que a arte nos ampare: Um estudo sobre o potencial artístico e turístico do Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida em Juiz de Fora

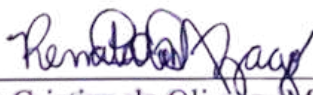
Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

Juiz de Fora - MG, 23 de janeiro de 2026.

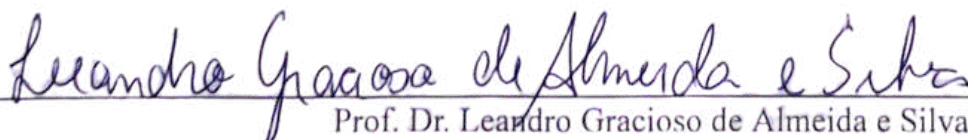
Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a Sandra Minae Sato
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Renata Cristina de Oliveira Maia Zago Mazzoni Marcato
Examinadora



Prof. Dr. Leandro Gracioso de Almeida e Silva
Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Sandra Minae Sato, por abraçar e embarcar nesta pesquisa tão inusitada, mas tão especial, e por me guiar com maestria ao longo desta jornada rumo à conclusão do curso.

Agradeço imensamente aos membros da banca examinadora, Professor Doutor Leandro Gracioso de Almeida e Silva e Professora Doutora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago Mazzoni Marcato, por aceitarem o convite para compartilhar seu conhecimento e atenção, bem como pelos valiosos conselhos oferecidos ao longo da elaboração deste TCC e de toda a minha graduação.

À equipe do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), estendo meu agradecimento pelo acolhimento e aprendizado durante meu período como bolsista. Sou grata pelas amizades formadas e por todo o conhecimento adquirido em uma jornada repleta de arte e alegria.

Nada mais justo do que agradecer àqueles que, comigo, constroem as memórias mais felizes da minha vida: minha família e meus amigos. A jornada acadêmica foi substancialmente mais leve e tranquila graças ao suporte incondicional e à presença de vocês ao meu lado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista da entrada do Cemitério La Recoleta.....	11
Figura 2 – Cemitério do Père-Lachaise, França.....	11
Figura 3 – Vista da entrada do Cemitério da Consolação, São Paulo.....	11
Figura 4 – Vista da entrada do Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro.....	12
Figura 5 - Vista da entrada do Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida.....	12
Figura 6 - Vista da entrada do "Cemitério Pagão" no Cemitério Municipal.....	14
Figura 7 - Vista do Jazigo Perpétuo da família Miranda Carvalho.....	15
Figura 8 - Placa da Marmoraria de Paschoal Senatore, que executou o jazigo.....	16
Figura 9 - Placa de bronze com o poema publicado no jornal O Pharol, em homenagem a Ilva...	16
Figura 10 - Foto da parte esquerda do jazigo, na época do registro.....	16
Figura 11 - Foto do jazigo quando as informações em bronze ainda estavam preservadas.....	17
Figura 12 - Mausoléu da família Spinelli e Arcuri.....	17
Figura 13 - Detalhe do vitral do mausoléu à direita.....	17
Figura 14 - Fachada da Capela, à esquerda em 2013.....	18
Figura 15 - Fachada da Capela em 2025.....	18
Figura 16 - Túmulo de Santa Palmira.....	19
Figura 17 - À direita, o santinho anunciando o falecimento de Palmyra Pessoa em 1877.....	19
Figura 18 – Jazigo da família Cautiero Franco, onde está sepultado o presidente Itamar Franco...	19
Figura 19 - Placa que se encontra acima do jazigo de Itamar Franco.....	19
Figura 20 - Cova 312, onde foi localizado o corpo do guerrilheiro Milton Soares de Castro.....	20
Figura 21 - Túmulo de Henrique Halfeld, em 2013, antes de ser saqueado.....	22
Figura 22 - Túmulo de Henrique Halfeld em 2025 após reforma.....	22
Figura 23 - A Orquestra Ribeiro Bastos no cemitério da Igreja São Francisco de Assis.....	24

RESUMO: Este Trabalho de Conclusão de Curso visa identificar e reforçar a importância histórica e artística do Cemitério Municipal de Juiz de Fora e avaliar o potencial de exploração do turismo cemiterial na cidade. Os estudos partem da percepção artística das obras, especialmente escultóricas, de uma breve revisão histórica sobre a tradição de visitas turísticas a ambientes funerários e de uma análise da viabilidade de implantação desta modalidade de turismo na cidade, considerando os cemitérios como importantes locais de preservação de memória e de notáveis acervos artísticos já reconhecidos e consolidados em cidades históricas brasileiras e em todo o mundo. **Palavras-chave :** arte funerária; escultura pública; turismo cemiterial; Cemitério Municipal de Juiz de Fora; memória.

ABSTRACT: This graduation final project aims to identify and reinforce the historical and artistic importance of the Municipal Cemetery of Juiz de Fora, in the Brazilian state of Minas Gerais, and to evaluate the potential for developing cemetery tourism in the city. The studies are based on the artistic perception of the works, especially sculptures, a brief historical review of the tradition of tourist visits to funerary environments, and an analysis of the feasibility of implementing this type of tourism in the city, considering cemeteries as important places for preservation of the memory and notable artistic collections already recognized and consolidated in Brazilian historical cities and throughout the world. **Keywords:** Funerary art; Public sculpture; cemetery tourism; Municipal Cemetery of Juiz de Fora; Memory.

Até que a arte nos ampare: Um estudo sobre o potencial artístico e turístico do Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida em Juiz de Fora

FERRAZ, L.G.1, SATO, S. M.2

"Viva sempre com a Morte.
Viva sempre se renovando, evoluindo e melhorando!"
Marcos Martinz, *Até que a morte nos ampare* (2021)

O que um ex-presidente da República, uma santa não canonizada, um dos maiores acervos a céu aberto de esculturas em mármore de Minas Gerais e o premiado livro “Cova 312” (Arbex, 2015) têm em comum? Curiosidades como essas propõem um olhar diferente sobre um dos ambientes públicos mais antigos e um dos mais belos espaços escultóricos da cidade mineira de Juiz de Fora, o Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida.

Fundado em 1864, a partir do processo de secularização³ dos sepultamentos na cidade, o local foi criado a fim de sepultar os corpos que antes eram destinados ao entorno da atual Catedral Metropolitana de Santo Antônio do Juiz de Fora (Costa, 2007).

Para além de sua importância histórica, a rica paisagem escultórica, predominantemente em mármore, criada ao longo dos anos para decorar jazigos em memória e homenagem a personalidades e gerações de famílias, constitui um ambiente com potencial para o turismo da chamada arte funerária⁴. Cultura ainda pouco explorada no Brasil, essa modalidade de turismo encontra acolhida em outras culturas, como na Europa, África, Ásia e, na América Latina, em países como a Argentina.

Este projeto de pesquisa atenta para a valorização e o reconhecimento da arte tumular e o chamado necroturismo (turismo em cemitérios) na cultura brasileira, bem como para o reconhecimento do cemitério como um local de estudos históricos, culturais e artísticos, uma vez que este espaço pode se configurar como um “museu a céu aberto”, como defende a pesquisadora Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho (2016). A desinformação e o preconceito sobre arte fúnebre, pouco considerada na história da arte brasileira, representam uma lacuna na compreensão da cultura e de seus ritos relacionados ao luto e à morte, bem como da motivação dos artistas e artesãos que se dedicam a esta forma de expressão visual. E quem ignora parte de seus costumes ancestrais desconhece sua própria identidade.

¹ Leticia Guzzo Ferraz, graduanda no Bacharelado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora;

² Sandra Minae Sato, orientadora e docente do Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora;

³ O processo de “secularização”, conforme dissertação de mestrado de Maria Fernanda Matos da Costa, define mudanças culturais sobre a prática do sepultamento, antes sob influência das religiões. Práticas que antes eram públicas passam a ser privadas e os enterros passam a ser realizados de forma mais particular;

⁴ Arte fúnebre, arte funerária, arte tumular são alguns dos termos utilizados nesta forma de expressão artística;

A forma como os mortos são sepultados é uma preocupação da sociedade ao longo da história em diversas culturas. Desde funerais fora das cidades e sepultamentos *ad sanctum*, *apud ecclesiam*, ou seja, junto a locais sagrados como templos e igrejas (Airès, 2012), até a secularização da morte com a construção dos cemitérios nos modelos conhecidos atualmente, cultivar os resquícios fúnebres da sociedade carrega uma carga histórica, comportamental e estética que merece e deve ser pesquisada.

No Brasil, seguindo as antigas práticas católicas, o sepultamento era realizado em espaços sagrados, como igrejas e templos religiosos, a fim de garantir a passagem para o paraíso, junto a Deus. Dada a mudança do cenário funerário promovida pelas revoluções sanitárias, os enterros passaram a ocorrer em espaços reservados exclusivamente para tal propósito.

A construção de um espaço voltado para os sepultamentos contribui para a composição de uma relação diferente com o luto e a forma de lidar com a representação da morte. Com o novo hábito das famílias terem um local específico para alocar os restos mortais de seus entes queridos, os espaços delimitados para os jazigos passaram a receber adornos elaborados para homenagear e manter viva a memória.

No âmbito da historiografia brasileira da arte, no entanto, a arte funerária ainda desperta pouco interesse, uma vez que o tema é comumente considerado desprezível e, até meados de 1970, era uma área de pesquisa rejeitada pelos estudiosos, como aponta a pesquisadora Maria Elizia Borges⁵ no texto “Arte Funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais” (Valladares 6, 1972 *apud* Borges, 2002). Ainda nos dias atuais, são poucas as referências teóricas dedicadas ao assunto, o que indica que o preconceito ainda é uma realidade sobre esse objeto de investigação.

Curiosamente, o interesse pelos assuntos relacionados à morte e toda a sua estética inspiraram movimentos, tornaram-se tema de lendas, mitos e personagens fictícios de grande apelo popular, como na literatura, no cinema, na moda, nos quadrinhos, na música, entre outras manifestações da cultura de massa. De livros clássicos como “Frankenstein” (1818) e “Drácula” (1897); filmes desde “Nosferatu” (1822) até “Família Addams” (1938) e “A noite dos mortos-vivos” (1968); o movimento gótico, festas de Halloween e do Día de los Muertos e ícones

⁵ Maria Elizia Borges é pesquisadora de produtividade do CNPq pela Universidade Federal de Goiás. Tem artigos publicados no país e no exterior sobre arte funerária no Brasil. Membro da *Association for Gravestone Studies* (USA), da *Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales* e da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais;

Clarival do Prado Valladares. Crítico de arte, historiador de arte, fotógrafo, poeta e médico. Autor de títulos de documentação iconográfica como “Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros” (1972) e “Aspectos da arte religiosa no Brasil (1981)”;

populares como a Santa Muerte (ou Nossa Senhora da Santa Morte), essa, a segunda santa de maior apelo devocional no México, depois de Nossa Senhora de Guadalupe.

Esse fascínio, embora tenha atraído um tipo de público específico para os ambientes fúnebres, não foi suficientemente forte para romper com o preconceito contra o espaço cemiterial ao ponto de ser incluído como parte de um roteiro de visitação de turistas na maioria das cidades brasileiras, ainda que se reconheça a beleza e a riqueza histórica desse tipo de espaço público.

Turismo cemiterial e seu desenvolvimento no Brasil

A humanidade sempre reconheceu espaços ligados à morte em diferentes contextos e localidades. Exemplos dessa cultura apontam lugares como as grandes pirâmides do Egito, que atraem turistas de todas as partes do mundo desde a Antiguidade; o Coliseu, palco de grandes batalhas na Roma Antiga; os campos de concentra o em Auschwitz, na Pol nia; ou as Catacumbas de Paris, local onde a ossada de mais de seis milhões de pessoas está distribuída por quil metros no subterrâneo da cidade. A rela o com esses espaços fúnebres e macabros levou, em 1996, os pesquisadores ingleses J. John LENNON e Malcolm FOLEY a criarem o termo “Dark Tourism”, ou “Turismo Macabro” (2000). Dentre as vertentes do Turismo Macabro, popularizaram-se os campos de estudo sobre turismo cemiterial, que incluem excursões a locais de luto. Entre os cemitérios mais populares no mundo estão o *La Recoleta* (Figura 1), em Buenos Aires, e o *P re-Lachaise* (Figura 2), em Paris.

Tendência internacional ainda em desenvolvimento no Brasil, o turismo cemiterial, também chamado de necroturismo, concentra-se em cidades de grande porte ou em cidades históricas, como o Cemitério da Consola o (Figura 3), em São Paulo, e o Cemitério São João Batista (Figura 4), no Rio de Janeiro. No estado de Minas Gerais, destacam-se os cemitérios de Belo Horizonte, Ouro Preto, Simão Pereira, São João Del Rei e Araxá.

Figura 1 – Vista da entrada do Cemitério da Recoleta, Argentina.



Fonte: CEMENTERIO DE LA RECOLETA, [s.d.]

Figura 2 – Cemitério do Père-Lachaise, França



. Fonte: A NOMADE, 2015

Figura 3 – Vista da entrada do Cemitério da Consolação, São Paulo.



Fonte: CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO, [s.d.]

Figura 4 – Vista da entrada do Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro.



Fonte: RIO PAX, 2025

Em Juiz de Fora, o Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida é um dos mais antigos do estado de Minas Gerais e abriga um dos maiores acervos escultóricos em mármore local (Figura 5). Sua fundação foi determinante para a mudança social e histórica na cidade, assim como se caracteriza como um cenário de grande potencial artístico com os jazigos decorados de inspiração clássica, herdada da iconografia sacra ocidental cristã. Por ser um dos cemitérios mais antigos do estado, com 161 anos de história, completados em 2025, o acervo de monumentos tumulares imponentes em sua constituição artística e arquitetônica é referência para o conhecimento da história da cidade de Juiz de Fora e de seus habitantes.

Figura 5 – Vista da entrada do Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida.



Fonte: Tribuna de Minas, 2025

Conforme a Secretaria de Turismo de Juiz de Fora (SeTur) e confirmado pela administração do cemitério, os túmulos mais populares desse cemitério são os do ex-presidente do Brasil, Itamar Franco, e o túmulo da menina conhecida como Santa Palmira, que, apesar de não ser canonizada pela Igreja Católica, conquistou a fé popular. A ela são atribuídas centenas de milagres.

A SeTur⁷ afirma que não existem registros sobre o necroturismo na cidade e que a prática está restrita a iniciativas isoladas que partem de pesquisadores e curiosos sobre o assunto. Historicamente, nunca houve investimentos dirigidos a esta finalidade a partir da administração municipal e não há estudos sobre o potencial e a viabilidade para adoção desta modalidade turística, como ocorre em cidades históricas como São João del-Rei (MG). As visitas são espontâneas ou guiadas e organizadas por alunos e/ou professores da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), especialmente no Cemitério Nossa Senhora Aparecida e no Cemitério da Glória.

Apesar de não compor o cenário oficial do turismo da cidade, existe um movimento espontâneo de turistas que visitam o espaço. Na plataforma de avaliação e informações sobre pontos turísticos, *TripAdvisor*, o Cemitério Municipal de Juiz de Fora aparece em 5º lugar entre os cemitérios mais bonitos de Minas Gerais, na avaliação do público. No entanto, os turistas fazem ressalvas, sugerindo melhorias na estrutura física e nas condições gerais do local, assunto que será abordado posteriormente.

Potencial turístico e de patrimônio histórico do acervo artístico do Cemitério Municipal

O século XIX marcou grandes mudanças nas formas de organização dos locais de sepultamento na sociedade ocidental. Neste período, tanto na Europa quanto no Brasil, as necrópoles passaram por transformações e a sociedade atribuiu uma nova forma de enxergar a morte, uma visão próxima ao romantismo, tendência artística e filosófica que estava em alta na época. Isso moldou parte das tradições e representações mortuárias atribuídas aos chamados "Cemitérios Oitocentistas", cuja criação remonta justamente ao período entre os anos 1800.

Em Juiz de Fora, a abertura do cemitério mais antigo da Zona da Mata mineira, em 1864, dá abertura a um espaço de memória onde as famílias, agora proprietárias dos jazigos, passam não só a alocar os restos mortais de seus familiares, mas também a homenagear e demonstrar seus sentimentos e saudades a partir de obras artísticas como representações simbólicas.

O território demarcado para a implementação do local dos sepultamentos, no atual bairro Poço Rico, é privilegiado por ser próximo ao centro da cidade, facilitando o acesso da população

⁷ Informação obtida em reunião com os servidores da Secretaria de Turismo (SeTur) de Juiz de Fora, realizada em 26 de setembro de 2025;

às instalações. Na época da fundação, a região era uma das principais vias de acesso à cidade, e a ferrovia passava próxima ao cemitério. O avanço gerado pela instalação da malha ferroviária tornou possível a chegada de novos materiais para a construção e decoração dos túmulos. Popularizaram-se então os trabalhos em cantaria, ou seja, em pedras que eram cortadas, lavradas, polidas e esculpidas, sendo o mármore o material mais tradicional (Cristofaro, 2016). Também se popularizou a utilização de placas de bronze para decorar com imagens e inscrições e identificar os espaços destinados a cada família.

Os primeiros administradores do cemitério municipal foram o procurador Victorino da Silva Braga e o vigário da Igreja Católica, Padre Tiago Mendes Ribeiro, que determinou como regra que só seriam sepultadas pessoas católicas no espaço. A decisão vigorou até 1875, quando uma área do cemitério foi denominada "Cemitério Pagão" (Figura 6) e passou a abrigar túmulos de protestantes e pessoas de outras religiões (Costa, 2007). A presença da Igreja Católica também influenciou a temática predominante, baseada na iconografia cristã, na arte funerária do Cemitério Nossa Senhora Aparecida.

Figura 6 – Vista da entrada acessória, mantida após reformas nos anos 1920, do “Cemitério Pagão” no Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida.



Fonte: Leticia Guzzo Ferraz/Acervo Pessoal, 2025

Quanto ao potencial artístico da necrópole juizforana, destacam-se alguns trabalhos de arte presentes na Ala Velha do Cemitério Municipal, que carecem de políticas de segurança, restauração especializada e preservação. Os sepulcros a seguir foram alvos não só da ação do tempo, mas também do vandalismo.

O jazigo da família Miranda Carvalho (Figura 7) é uma construção suntuosa em mármore de Carrara com adornos em bronze. O trabalho é assinado pela Marmoraria Paschoal Senatore, de Juiz de Fora (Figura 8), que atuou na cidade entre 1909 e 1940. O destaque do jazigo foca nas homenagens prestadas a Ilva, filha de Saint-Clair Miranda Carvalho, pioneiro fundador da primeira fábrica de cimento da cidade. Um poema publicado no jornal *O Pharol*⁸ foi gravado em uma placa de bronze que adornava o túmulo (Figura 9). Para o conjunto, foi encomendada uma estátua em tamanho natural, na qual a jovem é representada como um anjo, posicionada com destaque na parte central do jazigo.

Atualmente, a placa não existe; faltam nomes e letras também em bronze que indicavam as informações dos outros familiares também sepultados ali (Figuras 10 e 11). Resultado de saques, provavelmente com a finalidade de comercializar o metal.

Figura 7 – Vista do Jazigo Perpétuo da família Miranda Carvalho.



Fonte: Leticia Guzzo Ferraz/Acervo Pessoal, 2025

⁸ O jornal *O Pharol* foi criado em 1866 no estado do Rio de Janeiro e em 1870 é transferido para Juiz de Fora, sendo a primeira tipografia da cidade. Atuaram em sua redação Fonseca Hermes, Dilermando Cruz e Cesário Alvim. Encerrou suas atividades em 1939;

Figura 8 – Placa da Marmoraria de Paschoal Senatore, responsável pelo projeto e pela execução do jazigo.



Fonte: Letícia Guzzo Ferraz/Acervo Pessoal, 2025

Figura 9 – Placa de bronze com o poema publicado no jornal *O Pharol*, em homenagem a Ilva.



Fonte: Leandro Gracioso de Almeida e Silva/Acervo Pessoal, 2013

Figura 10 – Foto da parte esquerda do jazigo, na época do registro, as informações em bronze ainda estavam preservadas em sua totalidade; atualmente, parte do escrito foi depredada.



Fonte: Leandro Gracioso de Almeida e Silva/Acervo Pessoal, 2013

Figura 11 – Foto do jazigo quando as informações em bronze ainda estavam preservadas. Atualmente faltam letras e nomes.



Fonte: Leandro Gracioso de Almeida e Silva/Acervo Pessoal, 2013

As famílias Spinelli e Arcuri são reconhecidas na história da cidade de Juiz de Fora por suas construções em estilos arquitetônicos, com destaque imponente em Art Nouveau e Art Déco. A Construtora Pantaleone Arcuri foi responsável por construções marcantes em diversos pontos da cidade, como o Banco do Crédito Real, o Cine Theatro Central, a Casa d'Italia e o Edifício Clube Juiz de Fora. O jazigo da família fica localizado na chamada Ala Nova (Figuras 12 e 13), cercado por uma grade e um portão, em estilo neogótico com paredes brancas e destaque para vitrais da Casa Conrado⁹, de São Paulo (Figuras 14 e 15). Foi construído um mausoléu como local de repouso; os membros da família estão sepultados numa pequena cripta no interior da construção.

Figuras 12 e 13 - Mausoléu da família Spinelli e Arcuri, detalhe do vitral à direita.



Fonte: Letícia Guzzo Ferraz/Acervo Pessoal, 2025

⁹ A Casa Conrado foi o primeiro ateliê de vitrais do Brasil, responsável por 80% da produção de vitrais brasileiros do século XX;

Outro elemento que se destaca na paisagem da necrópole é a antiga capela, também inaugurada em 1864 (Figuras 14 e 15). Originalmente destinada à celebração de missas e local para orações, a edificação encontra-se descaracterizada, atualmente utilizada como depósito de materiais pela administração do cemitério. A estrutura apresenta visível estado de degradação decorrente da ação do tempo e da falta de manutenção, notável nas rupturas da madeira das portas e no desgaste da pintura e do reboco. Um projeto de restauração garantiria não apenas a salvaguarda do patrimônio edificado, mas também a reativação para sua finalidade de origem como espaço de culto e reflexão para os visitantes.

Figuras 14 e 15 - Fachada da Capela, à esquerda, em 2013 (esquerda) e em 2025 (direita).



Foto: Leandro Gracioso de Almeida e Silva/Arquivo pessoal e Foto: Leticia Guzzo Ferraz/Arquivo pessoal.

O segundo túmulo mais visitado do cemitério municipal é simples, porém muito simbólico (Figura 16). Chamada Palmyra Deolinda Pessoa, a jovem de 17 anos faleceu em um acidente de trem em 1877 (Figura 17). Quando realizada a exumação, 43 anos depois, seu corpo continuava preservado e a fé popular passou a atribuir milagres à jovem. Seu túmulo simples é hoje protegido por um gradil e o espaço é repleto de ex-votos deixados pelos fiéis agradecendo à jovem santa, embora não canonizada, as graças alcançadas. No túmulo há uma imagem que remete a Iemanjá e à pureza da Virgem Maria.

Figuras 16 e 17 - O túmulo de Santa Palmira (esquerda) e o santinho anunciando o falecimento de Palmyra Pessoa em 1877 (direita).



Fonte: Letícia Guzzo Ferraz/Acervo Pessoal, 2025 e Foto: Leandro Gracioso de Almeida e Silva/Arquivo pessoal, 2013.

O jazigo da família Cautiero Franco é o local de descanso do ex-presidente da República, Itamar Franco (Figuras 18 e 19). Apesar de sua notoriedade na política e história de Juiz de Fora e do Brasil, o jazigo do criador do Plano Real é simples, se comparado a outros túmulos históricos do cemitério municipal. É revestido em granito cinza e identificado com uma placa esculpida em alto-relevo trazendo uma inscrição indicando o jazigo da família e do próprio presidente Itamar Franco. É um dos pontos mais visitados do local pelo seu valor histórico mais do que pelo apelo estético.

Figuras 18 e 19 - Jazigo da família Cautiero Franco, onde está sepultado o presidente Itamar Franco e a placa que se encontra acima do jazigo.



Fonte: Letícia Guzzo Ferraz/Acervo Pessoal, 2025

Conforme apontado por Clarival do Prado Valladares, a arte fúnebre brasileira, quando comparada às necrópoles europeias, é de menor pujança, mas não de menor interesse (Valladares, 1972 *apud* Borges, 2002). O cemitério é um local de memória resguardada para ser lembrada, mas também omitida ou ocultada, em casos específicos.

É na Ala Nova do Nossa Senhora Aparecida que a premiada escritora e jornalista investigativa Daniela Arbex conseguiu localizar os restos mortais do guerrilheiro Milton Soares de Castro. O jovem de 26 anos foi preso e assassinado pela polícia na época da ditadura militar; os documentos omitiam o assassinato e o corpo nunca foi entregue à família. Após 33 anos de dúvida e questionamentos sobre o verdadeiro destino de Milton, Daniela localizou o jovem que se encontrava sepultado em uma cova rasa.

A única identificação deste túmulo, que carrega parte da história da democracia brasileira, é o número da sepultura, 312 (Figura 20), que dá nome ao livro (Arbex, 2015), vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Livro-Reportagem em 2016.

Figura 20 – Cova 312, onde foi localizado o corpo do guerrilheiro Milton Soares de Castro.



Fonte: Tribuna de Minas, 2015

O Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida abriga um dos mais relevantes acervos fúnebres da cidade, mas outras importantes peças temáticas compõem a coleção municipal. A Fundação Mariano Procópio também conserva máscaras mortuárias e, em seu jardim, abriga o mausoléu da família Ferreira Lage, originalmente proveniente do cemitério municipal. O Cemitério da Glória, primeiro cemitério da cidade inaugurado em 1856 (Lira, 2023), localizado junto à Igreja de Nossa Senhora da Glória, também apresenta um notório acervo, porém em menor dimensão que o acervo do Municipal.

Salvaguarda do acervo do Cemitério Municipal

A necrópole municipal é sede de um rico acervo artístico junto aos jazigos da parte originalmente oitocentista do local. Mas a falta de uma política voltada para a preservação e conservação deste patrimônio público mostra suas consequências. Mesmo com a importância estética e histórica desse acervo, esse conjunto artístico e histórico tem sofrido com o mau estado de conservação e preservação causado não apenas pelas ações climáticas, já por si preocupantes. A situação é agravada pela depredação, saques e vandalismo, como o furto de placas e adornos de bronze, além de modificações estruturais e estéticas feitas de forma descontrolada pelas famílias donas dos jazigos, inclusive em obras tombadas como patrimônio material municipal.

Por ser um órgão público municipal¹⁰, o cemitério é gerido pela Prefeitura de Juiz de Fora, cabendo a ela limpar, manusear, controlar e preservar os serviços e a estrutura do Cemitério (Costa, 2007).

No ano de 2013 foi assinado o pedido de tombamento, a partir da Lei Municipal de Patrimônio Histórico (LEI N.º 10.777 – de 15 de julho de 2004), de certas quadras da denominada “Ala Velha”, correspondente ao período que contempla a primeira fase de uso da necrópole, entre 1864 e 1925 (Silva, 2016), a fim de garantir a preservação da região que concentra os túmulos mais antigos.

Apesar do pedido de tombamento ter sido aprovado de forma unânime, a Prefeitura de Juiz de Fora, até o presente momento, não deu sequência ao processo de votação para a aprovação final da lei nº 10.777. Sem a efetivação da lei de proteção do patrimônio, não há garantia legal para salvaguarda do acervo artístico local.

A falta de segurança localizada, o preconceito e a desinformação sobre a importância desses ambientes como acervos artísticos fazem com que o cemitério de Nossa Senhora Aparecida, assim como a maioria dos cemitérios brasileiros, seja frequentemente alvo de depredação e vandalismo. A manutenção e a fiscalização regulares, bem como a aplicação efetiva de uma legislação específica para prevenir e autuar os atos contra a preservação patrimonial, são fundamentais para que o tombamento seja formalizado. Desta forma, haveria amparo legal para garantir o desenvolvimento de uma cultura de conservação e fruição dos cemitérios como ambientes de arte e pesquisa histórica.

Isoladamente, mesmo com o tombamento, parte do patrimônio público ainda é alvo de ataques e alterações que descaracterizam a obra original. Um exemplo é o túmulo do Comendador

¹⁰ A criação de um cemitério público municipal foi aprovada por uma Comissão criada pela Câmara Municipal de Juiz de Fora após a doação do terreno no bairro Poço Rico pelo tenente-coronel José Ribeiro de Rezende;

Henrique Halfeld, tombado em 2004 pela PJF11 . Em 2015, foi alvo de furto das placas de bronze que constavam no jazigo (Figura 21). Em reforma que data de meados de 2025, o túmulo foi modificado e agora o brasão, que antes ficava sobre a pedra, deu lugar a uma placa de mármore com o escudo gravado em baixo-relevo (Figura 22).

Figuras 21 e 22 – Túmulo de Henrique Halfeld: estado anterior ao saque em 2013 (esquerda) e após a reforma em 2025 (direita).



Foto: Leandro Gracioso de Almeida e Silva/Arquivo pessoal, 2013 e Foto: Leticia Guzzo Ferraz/Arquivo pessoal, 2025.

Ainda assim, entendemos que essa medida garante algum respaldo legal para a preservação e conservação desse acervo histórico e cultural. Estimular a tradição e o senso de pertencimento visa combater o medo ou a repulsa decorrentes da superstição ou do preconceito, reações que restringem a frequência a esses ambientes. Ao discutirmos a ressignificação do cemitério e de outros locais de sepultamento como espaços de visitação e não apenas como um ambiente de situações de luto, promovemos os estudos socioculturais-históricos e estimulamos a fruição estética artística das obras tumulares, valorizando os artistas e reconhecendo a beleza visual e simbólica das esculturas, pinturas e murais ali presentes. Ao mesmo tempo em que se sensibiliza o visitante, que desenvolve apreço pelas obras, pela infraestrutura e pela memória presentes, cuidando consequentemente desse patrimônio que, por ser público, pertence a cada um dos visitantes.

¹¹ O tombamento do túmulo foi registrado em 07/05/2004 durante a gestão do prefeito Tarcísio Delgado, conforme o site do Sistema de Legislação Municipal de Juiz de Fora;

Avanços administrativos e soluções criativas para a salvaguarda e valorização do patrimônio funerário

Tomando como exemplo o Cemitério Municipal de Juiz de Fora, objeto desta pesquisa, além da conservação da integridade física de seu entorno e da preservação dos jazigos históricos, o espaço precisa consolidar-se como local de memória e de visitação pública regular. Entre as possíveis medidas que podem contribuir com a valorização e o impacto sociocultural está a continuidade do processo de tombamento patrimonial do Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida. Apresentada em 2013, a proposta não teve continuidade pela Prefeitura e pela Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa)¹².

A fim de explorar o turismo de forma organizada, como nos exemplos nacionais e internacionais descritos anteriormente, são necessárias adaptações para os visitantes que frequentem o espaço ao longo do ano, não apenas durante a celebração do feriado de Finados. Melhoria dos acessos, segurança patrimonial e pessoal, sinalização adequada, treinamento de guias e material de consulta são alguns dos exemplos. O engajamento do poder público garante o funcionamento e a manutenção adequados do local a fim de comportar não só os velórios e sepultamentos. A conscientização do público fortalece a cultura do pertencimento e resulta em um cuidado coletivo espontâneo.

Alguns avanços sinalizam esse engajamento. Em 2025 foi aprovada pela deputada federal Ana Pimentel a emenda parlamentar que possibilitou a primeira reforma geral do cemitério. O objetivo da reforma é ativar um “Caminho da Memória” para promover a humanização do espaço, tornando-o mais acolhedor para o público frequentador. A obra de revitalização contempla os espaços das capelas, estacionamento, área administrativa e áreas de convivência em espaços arborizados.

As quadras onde se localizam de fato os jazigos também demandam cuidados. Algumas melhorias, como a instalação de postes refletores, já foram realizadas, mas a iluminação noturna ainda é limitada. Sinalização local e mapas físicos ou virtuais para localização dos jazigos ou pontos específicos do cemitério facilitariam o acesso dos turistas e estudiosos.

É tradicional, em muitas necrópoles, expor seu patrimônio sobre a história e a arte com a oferta de visitas guiadas. O Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte (MG), atende por agendamento para grupos ou individuais. Em cidades como São João Del Rei e Tiradentes (MG), guias autônomos oferecem seus serviços para os turistas, o que representa uma fonte de renda alternativa para os moradores locais e a abertura de um mercado de trabalho especializado para

¹² Órgão responsável pela política cultural da cidade de Juiz de Fora;

profissionais das áreas de Turismo e História, por exemplo. Medidas simples, como a instalação de QR Codes em túmulos históricos ou curiosos, podem estimular a visita espontânea, sem a necessidade de agendamento prévio ou contratação de profissionais para guia: A partir do leitor do celular, o turista pode acessar as informações de forma independente. Um website com informações mais detalhadas, orientações sobre as visitas, dias e horários de funcionamento também estimula o agendamento ou as visitas espontâneas.

A promoção de eventos culturais e de entretenimento constitui diferentes maneiras de explorar e usufruir do espaço, e os grandes cemitérios também seguem sendo referência de soluções criativas para promover e estimular a visita fora da agenda tradicional do Dia de Finados. Entre os exemplos adotados para atrair o interesse da sociedade para o ambiente cemiterial, e assim entender mais de sua importância e potencialidades artísticas, destacam-se iniciativas como o “Cinetério”, projeto ativo desde 2014 (Silva, 2019) que consiste na projeção de filmes temáticos no Cemitério da Consolação (São Paulo). O Cemitério da Consolação inspirou outros eventos como a 1ª Mostra Fotográfica “Consolação em foco: Revelando arte e história”. Além de servir como tema, foi sede da exposição entre os dias 11 de outubro e 2 de novembro de 2025.

Outra iniciativa que envolve turismo cemiterial e arte, adotada pela cidade histórica de São João Del Rei, é a realização de Missas de Réquiem (missa tradicional católica dedicada às almas) em algumas irmandades da cidade, com apresentações da Bicentenária Orquestra Ribeiro Bastos (Figura 23).

Figura 23: A Bicentenária Orquestra Ribeiro Bastos no cemitério anexo à Igreja de São Francisco de Assis (São João Del Rei).



Foto: Luiz Fernando dos Santos / Arquivo Pessoal, 2025

Considerações finais

O espaço cemiterial contempla um importante elo entre diferentes formas de representação artística e a memória local de uma sociedade, reunindo marcos e episódios históricos sob uma ótica diferente, envolvendo afetos e personagens muitas vezes não citados na história oficial. Explorando esses espaços, podemos compreender e aprender mais sobre as diferentes formas de sepultamento, mudanças de paradigmas, tradições, hábitos, o avanço das tecnologias e, principalmente, apreciar uma produção artística rica em simbologia e enriquecida por sentimentos. O luto, representado nos espaços cemiteriais pelos trabalhos dos marmoristas, artistas e artesãos, marca um registro físico de como a memória e as emoções humanas são traduzidas e materializadas em diferentes formas de expressão artística. Motivadas pela perda, as famílias dedicaram obras de arte para manter viva a presença ou importância dos que partiram. O cemitério não é apenas um local destinado aos mortos. É um espaço da memória, da história, que atenta para a transitoriedade e traduz sentimentos expressos pela arte.

O turismo nesses locais busca incentivar, por gerações, a educação sobre preservação e conservação, não apenas do acervo físico, mas também de sua importância cultural e histórica, ensinando que a presença das artes não está restrita a museus, galerias e outros espaços expositivos convencionais.

Sob esta ótica, ainda que carente de algumas adaptações e medidas de segurança, conservação, preservação e informação, o Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, atual Cemitério Municipal, em Juiz de Fora, é, sem dúvida, um espaço de exploração histórica e artística com grande potencial para compor com sucesso o roteiro turístico da região da Zona da Mata mineira.

REFERÊNCIAS

Livros

ARBEX, Daniela. **Cova 312**: a longa jornada de uma repórter para descobrir o destino de um guerrilheiro, derrubar uma farsa e mudar um capítulo da história do Brasil. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2015. 344 p.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. São Paulo: Saraiva, 2012. (Coleção Saraiva de Bolso).

CRISTOFARO, Ricardo. **Trabalhos em pedra e ofício da cantaria em Juiz de Fora e região**. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2016. 192 p.

LENNON, J. John; FOLEY, Malcolm. **Dark Tourism**. Edição ilustrada, reimpressão. [S. l.]: Continuum, 2000. 184 p.

MARTINZ, Marcos. **Até que a morte nos ampare**. 1. ed. Jandira: Principis, 2021.

SILVA, L. G. A.; BUCHWEITZ, M. Patrimônio cultural em perigo? A Arte Funerária e o Descaso com sua Proteção em Juiz de Fora/MG. *In*: COSTA, Alvaro Daniel (org.). **Cultura, Cidadania e Políticas Públicas**. 1. ed. Ponta Grossa: Atena, 2019. v. 1, p. 52-62.

Trabalhos Acadêmicos

COSTA, Fernanda Maria Matos da. **A morte e o morrer em Juiz de Fora**: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890. 2007. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5276>. Acesso em: 04 out. 2024.

LIRA, Max Aurélio Mendes. **Memória e identidade**: a narrativa histórica do Cemitério da Glória. 2023. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15502>. Acesso em: 10 dez. 2025

SILVA, Leandro Gracioso de Almeida. **Memórias de um Ofício**: os marmoristas e o cemitério municipal de Juiz de Fora (1864-1974). 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

Artigos em periódicos e trabalhos em eventos

ALMEIDA, Marcelina. Cemitérios oitocentistas, culto, fé e patrimônio: experiências intercambiantes. *In*: SIMPÓSIO DA ABHR, 13, 2012. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/564>. Acesso em: 3 nov. 2025.

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. **Locus**: Revista de História, v. 19, n. 2, 2013.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. E agora São José? Reflexões sobre o gerenciamento do acervo tumular nos cemitérios da Comunidade São José em Porto Alegre - RS. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 22, 2013, Belém. **Ecossistemas Estéticos**: Anais [...]. [S. l.]: ANPAP, 2013. p. 1835-1848. Disponível em:

<https://anpap.org.br/anais/2013/comites/pcr/Luiza%20Fabiana%20Neitzke%20de%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025.

Legislação

JUIZ DE FORA. **Lei nº 2.457, de 10 de julho de 1974**. Dispõe sobre a instituição do Código de Obras do Município de Juiz de Fora. Disponível em: <https://jfl legis.pjf.mg.gov.br/norma.php?chave=0000021833>. Acesso em: 22 out. 2025.

WebSites, notícias e enciclopédias eletrônicas

CONRADO VITRAIS E CRISTAIS. **Home**. São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <https://conradovitrais.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2025.

JUIZ DE FORA. Prefeitura. **Arquivo Histórico armazena exemplar mais antigo do jornal “O Pharol”**. Juiz de Fora: PJF, [20--?]. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=2546>. Acesso em: 9 dez. 2025.

O PHAROL. *In*: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, [2025?]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Pharol. Acesso em: 9 dez. 2025.

TRIPADVISOR. **Cemitérios: Estado de Minas Gerais**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303370-Activities-c47-t7-State_of_Minas_Gerais.html. Acesso em: 18 out. 2025.

Referências iconográficas (imagens e fotografias)

CEMENTERIO DE LA RECOLETA. **Fotografia da entrada**. [IMAGEM]. Buenos Aires: [s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.cementerio recoleta.com.ar/>. Acesso em: 17 out. 2025.

CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO. **Fotografia da necrópole**. [IMAGEM]. São Paulo: [s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.cemiterioconsolacao.com/>. Acesso em: 17 out. 2025.

ROCHA, T. **Cemitério Père-Lachaise: um museu a céu aberto**. Disponível em: <https://anomade.com.br/cemiterio-pere-lachaise-um-museu-a-ceu-aberto/>. Acesso em: 17 out. 2025

RIO PAX. **Cemitério São João Batista**. [IMAGEM]. [S. l.]: Concessionária Rio Pax, [s. d.]. Disponível em: <https://share.google/ONkbikpLMFq5Ps2HI>. Acesso em: 17 out. 2025.

SILVA, Leandro Gracioso de Almeida e. **Túmulo de Henrique Halfed, em 2013, antes de ser saqueado**. [IMAGEM]. *In*: PEÇAS de túmulo do fundador de Juiz de Fora são furtadas. **G1 Zona da Mata**, Rio de Janeiro, 1 nov. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/11/pecas-de-tumulo-do-fundador-de-juiz-de-fora-sao-furtadas.html>. Acesso em: 27 out. 2025.

TRIBUNA DE MINAS. **Estacionamento do Cemitério Municipal é interdito para obras**. [IMAGEM]. Juiz de Fora, MG, 28 jul. 2025. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/28-07-2025/estacionamento-do-cemiterio-municipal-e-interditado-para-obras.html?amp=1>. Acesso em: 27 out. 2025.

TRIBUNA DE MINAS. **Imagem da Cova 312 no Cemitério Municipal.** [FOTOGRAFIA]. *In*: MORAIS, Mauro. Ecos dos porões. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 20 maio 2015. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/20-05-2015/ecos-dos-poroes.html>. Acesso em: 25 nov. 2025.